

ARTIGO

AGROECOLOGIA: DIALOGO ENTRE GEOGRAFIA AGRÁRIA, SAÚDE COLETIVA E A EXPERIÊNCIA DO ASSENTAMENTO TERRA À VISTA

Cássio Matheus da Cruz Santos¹, Filipe Oliveira², Mirna Brito da Costa³, Paula Graziela Cordeiro de Jesus⁴

¹Discente do curso de Licenciatura em Geografia- IFBA-Campus Salvador. e-mail: cassio10santos@gmail.com;

²Discente do curso de Licenciatura em Geografia- IFBA -Campus Salvador. Bolsista de Iniciação à Docência Capes/ IFBA. e-mail: filipegeotec@gmail.com; ³Discente do curso de Licenciatura em Geografia- IFBA - Campus Salvador. Bolsista de Iniciação à Docência Capes/ IFBA. e-mail: mirnabcosta@gmail.com; ⁴ Discente do curso de Licenciatura em Geografia- IFBA -Campus Salvador. Bolsista de Iniciação Científica Fapesb/ IFBA. e-mail: ppgrazy@gmail.com

RESUMO

Os avanços científicos e tecnológicos mudaram a sociedade contemporânea, em especial na agricultura que passou a desfrutar de métodos para a rapidez e ampliação da produção no campo. As consequências dessa nova forma de produzir aparecem nos prejuízos à saúde ocasionados pelo alimento disponível na mesa dos brasileiros. Nesse contexto, novas perspectivas interdisciplinares de pesquisa despontam para compreender as relações entre o alimento saudável, sua produção, consumo e a qualidade de vida. Podendo estas serem otimizadas através da viabilização da agroecologia por fomentar técnicas naturais que visam a segurança alimentar e a saúde, sem que sejam desconsiderados os aspectos sociais do processo produtivo. Para tanto, nosso trabalho intenciona discutir as contribuições da prática agroecológica em oposição aos alimentos produzidos com agrotóxicos; o que demonstra ser uma experiência efetiva e eficaz no assentamento Terra à Vista, Arataca/BA.

Palavras-chave: espaço agrário, saúde, agroecologia

INTRODUÇÃO

Desde a Revolução Verde, na década de 1970, as técnicas utilizadas no campo imprimiram uma nova configuração ao espaço agrário. O modo artesanal de plantar e colher permaneceu em poucos territórios, o que teremos em larga escala serão a mecanização das atividades agrícolas, sementes modificadas e plantios diferenciados. Já na década de 1980, a expansão do agronegócio traz uma relação entre a matéria prima, a indústria e o comércio. O agronegócio intensifica a tecnologia no campo e com isso, alguns dos seus problemas serão marcantes até hoje no século XXI. Como exemplos destes, temos as lutas pelas terras, a devastação do meio ambiente, a desigualdade das classes sociais no campo e a má alimentação nas mesas dos brasileiros.

Quando falamos das lutas pelas terras no campo, o agronegócio retira os nativos de suas origens de maneira perversa, às vezes sabotam os direitos dos mesmos e em outros momentos compram as terras por um preço abaixo do valor real da área, crescem também as desigualdades sociais, sobretudo entre as classes dos ricos fazendeiros e dos pequenos camponeses. Conforme

ARTIGO

estudo apresentado pela geógrafa Larissa Bombardi, pesquisadora da Geografia Agrária no Brasil (2012), as contradições dos benefícios do agronegócio são evidentes quando são apresentados dados sobre a crescente utilização de fertilizantes, agrotóxicos e herbicidas pela agricultura brasileira perpetuando o cultivo no modelo do binômio “latifúndio-monocultura” incentivando o consumo expressivo de agrotóxicos, sobretudo, porque alguns alimentos tiveram sua função primordial transformada, seja em combustíveis para a produção de energia ou na geração de *commodities* para a economia.

O avanço das tecnologias e do uso de agrotóxicos proporcionaram crescimento significativo para o agronegócio. Por exemplo, na década de 60 ocorreu um grande incentivo ao uso de agrotóxicos, sendo possível notar que essa utilização poderia diminuir os problemas na lavoura, aumentar a colheita, baratear o custo da produção e do produto final, tornando o Brasil, em termos mundiais, um grande competidor do ramo agrícola. Na prática, o discurso do barateamento na produção tem reflexo na alimentação da população, principalmente das classes menos favorecidas, que são convencidas que terão acesso à comida com valores mais baixos, através desses alimentos produzidos pelo agronegócio. Em contrapartida, o agronegócio também é responsável por consequências negativas à natureza, as quais podem ser enumeradas como sendo iniciadas com a poluição dos lençóis freáticos, do solo, do ar, prejudicando o habitat dos animais e até mesmo mudanças do nicho ecológico.

Sobre os efeitos negativos do uso de agrotóxicos seja na alimentação ou no manejo destaca-se que as doenças crônicas não transmissíveis – que têm os agrotóxicos entre seus agentes causadores – atualmente são um problema mundial de saúde pública. De acordo com informações digitais sobre o assunto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que estas doenças são responsáveis por 63% das 57 milhões de mortes declaradas no mundo em 2008, e por 45,9% do volume global de doenças. Em nosso país, essas mortes já representam 74% do total das ocorridas no ano (dados de 2008) e a permissão para o uso de cada produto químico é concedida praticamente sem possibilidade de revogação. Consequentemente, no que se refere ao meio ambiente, o uso de agrotóxicos pode contaminar o solo, o lençol freático e o ar, favorecendo o desequilíbrio ambiental de determinada região, bem como em seu respectivo ecossistema.

ARTIGO

Contudo, os agricultores são incentivados a utilizarem esses mecanismos, existindo formas de solicitar empréstimos para comprar esses pacotes industriais e em muitos casos, os agricultores só conseguem empréstimos se utilizarem esses elementos, ou seja, há praticamente uma obrigatoriedade na utilização de sementes, agrotóxicos, fertilizantes, maquinário, etc. que condicionam o agricultor nas suas práticas. Como confirmado no portal do Ministério da Agricultura (MAPA), informação do ano corrente, de que para desfrutar do seguro rural tutelado pelo governo federal, o produtor precisa observar as concessões desse pacote tecnológico e que alguns agentes financiadores utilizam condicionantes como pré-requisitos para a concessão do crédito.

Com a instrumentalização de um crédito rural de natureza seletiva para médios e grandes produtores rurais, excluindo os demais que não dispunham de garantias a serem dadas no empréstimo. Para tanto, alguns autores comentam que a tecnologia na agricultura precisa ser entendida no espaço e tempo que se realiza como a geração, utilização e difusão de inovações, especialmente científicas, de caráter biológico ou mecânico que interferem nos recursos de mão-de-obra e acesso à terra, e conseqüentemente na matéria-prima e seu produto final, no caso o alimento. Todavia, muitos agricultores e assentados de movimentos de luta pela terra sabem o mal que esses produtos fazem, então criam e/ou procuram modos de produzir sem o uso dos mesmos. Dessa forma, uma das alternativas é a agricultura agroecológica, que defende técnicas e formas de cultivos em harmonia com o meio ambiente, pensando na recuperação da fertilidade dos solos sem usar produtos químicos. De acordo, com uma das instituições brasileiras de pesquisa agropecuária, a agroecologia é o manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação coletiva, com proposta de desenvolvimento participativo, desde as formas de produção até a circulação alternativa de seus produtos, estabelecendo relações entre produção e consumo, capazes de encarar a crise ecológica e social (EMBRAPA, 2016).

Essa “nova” forma de se preocupar com a natureza, não exclui ninguém da produção, traz de volta os alimentos saudáveis, as sementes crioulas e um cultivo melhor. Nessa perspectiva, os estudos da Saúde Coletiva que atrelam, sobretudo, o conhecimento da Medicina e de outras áreas da Saúde na ótica comunitária preocupa-se com os processos saúde-doença, surge como uma possibilidade de pensar as formas de produção agrária, uso e ocupação do espaço e a interferência dos modos de produção para a vida humana, em especial no que se refere à qualidade de vida.

ARTIGO

Nesse sentido, esse artigo pretende compreender como a produção agroecológica pode beneficiar na qualidade de vida dos indivíduos enquanto suas formas de ver e estar no mundo, a partir da literatura disponível sobre o assunto e a realidade de um assentamento sem-terra que utiliza esse modelo na tentativa de identificar relações, concordâncias e/ou dissonâncias desse “novo” campo com o modelo de uma Saúde Coletiva.

MATERIAL E MÉTODOS

A elaboração desse trabalho resulta dos estudos e discussões da disciplina Geografia Agrária de curso de Licenciatura em Geografia, nas quais nos chamou a atenção a forma como a agroecologia relaciona-se com a saúde dos indivíduos, uma vez que a produção e o consumo de alimentos interferirão diretamente na qualidade de vida populacional, logo sendo foco também dos estudos da Saúde Coletiva. Deste modo, a escolha teórico-metodológica adotou como referencial a revisão bibliográfica dos estudos da Geografia Agrária, da Saúde Coletiva, assim com dados estatísticos sobre a temática e de informações empíricas obtidas em uma visita técnica realizada no mês de agosto do corrente ano ao assentamento Terra à Vista, localizado no município de Arataca/BA, região Sul da Bahia.

O Assentamento Terra à Vista foi regulamentado enquanto tal pelo governo federal em 1994 na área da antiga fazenda Bela Vista, na qual a cultura cacaueteira não mais existia, tendo sido abandonada por seus herdeiros. Atualmente, a experiência dessa comunidade é reconhecida em âmbito local, regional e nacional pela prática da agroecologia e educação no campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observa-se que algumas doenças que anteriormente eram consideradas raras atualmente aparecem com mais frequência na nossa sociedade. Ouvimos em vários lugares que somos o que comemos, então quem somos nós? Por que as doenças que se diziam raras estão aparecendo com mais regularidade? Alguns exemplos de doenças existentes com mais intensidades por causa dos venenos são o Mal de Alzheimer, o déficit de atenção com hiperatividade, problemas hormonais,

ARTIGO

câncer e anomalias em bebês. Como uma das respostas às indagações que a população traz, temos que algumas das grandes empresas que fabricam os remédios para curarem doenças também são produtoras dos agrotóxicos. Os dados quantitativos indicam que o Brasil lidera o consumo de agrotóxicos, sendo responsável por 1/5 do total de agrotóxicos produzidos mundialmente (BOMBARDI,2012). Logo, o país vivência as consequências dessas práticas agrícolas, para a autora:

Esta dimensão no consumo de agrotóxicos tem levado o país àquilo que poderíamos chamar de uma epidemia silenciosa e violenta envolvendo camponeses, trabalhadores rurais, seus familiares e, também, a população urbana em geral, sobretudo aquela que habita áreas próximas às grandes produções agrícolas (...) Além do problema da intoxicação pelo contato direto com os agrotóxicos, como são os casos retratados no mapa anterior, há ainda outro que diz respeito não só aos camponeses, trabalhadores rurais e seus familiares, mas também à população em geral que consome alimentos “envenenados (BOMBARDI, 2012, p.8).

Verifica-se então, um movimento da saúde coletiva que adota uma nova concepção de saúde e a compreensão que a mesma é direito de cidadania e é dever principal do Estado. Desta maneira, a mobilização perpassa por diversos setores na área da saúde, partindo de premissas demográficas, socioeconômicas e até mesmo culturais.

Inevitavelmente, os estudos feitos no interdisciplinar campo da saúde coletiva dialogam diretamente com a alimentação da população, onde, a questão do uso de agrotóxicos na produção desses alimentos, representa um importante elemento no que tange análise de epidemias e aumento de incidência de determinados tipos de doenças. Diversas organizações e instituições dedicam-se à questão da saúde coletiva em associação com os agrotóxicos, a exemplo da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), para este:

Designar os agrotóxicos como defensivos agrícolas é o artifício retórico mais elementar para dissimular a natureza nociva desses produtos. Por um lado, ele sugere que os agrotóxicos supostamente protegem os cultivos; por outro, oculta os efeitos deletérios desses produtos sobre a saúde humana e o meio ambiente ABRASCO (2015, p. 28)..

ARTIGO

É perceptível que a introdução desses elementos no campo está associada a uma série de ideologias e estratégias, onde “toda técnica destinada a solucionar o desafio alimentar no mundo é moralmente justificável e, portanto, deve ser aplicada” (ABRASCO, 2015, p.30).

Conforme tal documento, desde 2008 o Brasil é o campeão de consumo de agrotóxicos no mundo e os impactos dessa liderança são sentidos na saúde pública, onde esse uso exacerbado atinge diferentes grupos populacionais, desde os que trabalham na produção, passando por aqueles que moram nas proximidades e chegando aos consumidores. Para ter uma ideia da dimensão desses números, em 2013 a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) emitiu um relatório que sinalizava que 64% dos alimentos estavam contaminados por agrotóxicos e o Data SUS demonstrou que no período entre 2007 e 2014 foram notificados mais de trinta mil casos de intoxicação por agrotóxicos.

Torna-se pertinente salientar ainda que no Brasil acontecem inúmeros casos de subnotificação das intoxicações por uso de agrotóxicos, o que acontece, principalmente, devido a não notificação das doenças crônicas provocada pela exposição ao agrotóxico (BOCHNER, 2007 apud BOMBARDI, 2012). Embora, os profissionais de saúde precisem fazer a notificação compulsória desses casos ao Ministério da Saúde (MS), os dados estatísticos ainda não refletem a realidade deste adoecimento.

Nesse sentido, a incidência de veneno nos alimentos e dos problemas de saúde torna visível o aumento do faturamento da indústria de agrotóxicos, o que se relaciona como o modelo de desenvolvimento da agricultura no Brasil.

Nesse contexto, urge o advento da agroecologia, que se caracteriza como uma ciência que não visa somente a não utilização de agrotóxicos, mas uma relação que busca o aumento dessa produção de forma integrada ao ambiente, utilizando o conhecimento científico e as experiências no campo de forma dialogada com outras ciências. Esse modo de produção vai se adaptar às condições do local, resgatando os saberes tradicionais e os avanços nos estudos inclusive na área da agricultura ecológica, com intuito de construção de um desenvolvimento sustentável.

A agroecologia compreende uma postura diferenciada no manejo e no uso da terra para a produção do alimento saudável, respeitando os princípios camponeses de apego à terra e o amor pelo cultivo. Sobre isso, Ana Primavesi no texto O Solo (s.d) discorre que a agroecologia a única

ARTIGO

possibilidade para a sobrevivência em nosso planeta ao basear-se em três ideias: (a) uma visão holística da natureza observando suas interrelações e interdependências, (b) a consciência de que o ecológico se refere a todos os sistemas de um determinado lugar e (c) a percepção de que não existem receitas na agroecologia, apenas conceitos como o de proteção dos solos.

A experiência agroecológica do Assentamento Terra à Vista

Nesse contexto, o assentamento Terra à Vista ilustra a possibilidade de efetivação da Agroecologia e nos incita a repensar os modos de produção, consumo, organização espacial e saúde. Reconhecido como assentamento no ano de 1994, o Terra à Vista ocupa uma área proveniente da ocupação do terreno que era da fazenda Bela Vista improdutiva e abandonada pelos herdeiros da elite local.

A ocupação dessa área foi marcada por lutas armadas, despejos, expulsões e reocupações por parte das famílias. Iniciou-se com 360 famílias, número significativamente reduzido ao longo do processo, já que a ocupação envolveu, sobretudo, a resistência e a luta pela terra, o enfretamento de condições inapropriadas, a violência dos jagunços, o não apoio dos governantes e a exclusão social.

Entretanto, nesse artigo o elemento em questão é a sua produção agroecológica. Atualmente, com a agroecologia efetivada em seu território o assentamento Terra à Vista enfrentou dificuldades e empecilhos para tal, tendo perpassado por mudanças nas próprias consignas de luta do movimento Sem Terra como também dificuldades ambientais, econômicas e administrativas.

De acordo com o que afirmam Carmo e Borsatto (2013, p.646):

Nas últimas décadas, esse movimento tem modificado radicalmente o seu discurso ao modo de produção que deve ser adotado pelos agricultores em seus assentamentos, migrando de um discurso com forte viés produtivista, para outro mais aderente à visão agroecológica, passando a incorporar o centro de seu ideário conceitos como o de respeito e resgate da agricultura camponesa, bem como as diretrizes da agroecologia.

Desta forma, no discurso dos assentados, em especial das lideranças, notamos que a agroecologia surge como uma alternativa à ruptura de uma agricultura tradicional, sendo um novo

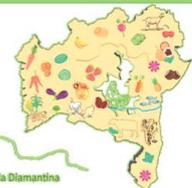
ARTIGO

conceito a ser estudado e praticado por serem os alimentos orgânicos não apenas um modismo, mas sim o alimento saudável desprovido de fertilizantes que retiram seus valores nutricionais resultando numa alimentação artificial e não saudável. E principalmente, um alimento acompanhado por esses agricultores em todas as etapas do processo produtivo, desde as sementes crioulas, manejo da terra, replantio, colheita até o produto final (que quando excedente pode ser comercializado para outras comunidades, sendo fonte de renda para esse agricultor).

Nesse sentido, nos estudos de campesinato produzidos por diversos autores é elencado que o Movimento Sem Terra (MST) passou a considerar o agricultor como sujeito ativo de sua existência, valorizando sua cultura e conhecimentos, o que será utilizado nos seus espaços de formação como égide para uma sociedade mais justa, sustentável e melhor (BORSATTO. CARMO, 2013).

Na busca dessa soberania e segurança alimentar, o Assentamento Terra à Vista dedicou-se a estudos sobre agroecologia referenciando-se, principalmente, em Ana Primavesi, no resgate de saberes nativos, parcerias com universidades e centros de pesquisa, experiências de sua escola profissionalizante em técnico agrícola e atividades operacionais como a recuperação da Mata Atlântica, por exemplo da vegetação e da nascente do rio. O manejo agroecológico obedece ao método de replantio, sombreamento e catalogação das mudas e área plantada possibilitando o desenvolvimento do plantio e permanência das sementes crioulas através do reflorestamento e o obediência ao ciclo da natureza instaurando a produção e o consumo de alimentos saudáveis (sem o uso de agrotóxicos), o que reflete a afirmação de Hespanhol (2008) sobre a nova lógica de consumo de que os alimentos produzidos sem a aplicação de biocidas e o processamento artesanal têm sido valorizados pelos consumidores dos países desenvolvidos, bem como dos países subdesenvolvidos.

A organização do cultivo agroecológico pode ser observada na imagem (A), a qual mostra uma área do assentamento Terra a Vista, onde é monitorada constantemente a produção de cacau. A técnica de plantar outras plantas nativas próximas aos pés de cacau para fazer sombra e ter um cacau de qualidade. Na imagem (B) visualizamos uma área em processo de experimento onde utilizam adubos produzidos pela comunidade, sempre avaliando os resultados obtidos.



ARTIGO

Quanto a isso, apontam-se as técnicas utilizadas no cultivo agroecológico como específicas para o alimento orgânico, o que exige conhecimento e planejamento por parte do agricultor, pois a sociedade como teoriza Milton Santos evolui através dos sistemas técnicos, já que a técnica utilizada pelos homens altera-se com as necessidades resultando na adequação e adaptação dos objetos. Estreitando a leitura geográfica, “o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2014, p.21).

Não podemos deixar de mencionar que alguns moradores desse assentamento, atualmente, vivenciam os prejuízos do uso de agrotóxicos no trabalho da lavoura, pois o estado da Bahia no ano de 2009 era responsável por 6, 4% do consumo nacional de agrotóxico ficando atrás apenas de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Paraná – líderes do agronegócio-(BOMBARDI, 2012) por estarem acometidos por doenças, o que, por vezes, interfere em suas atividades laborativas e exige tratamento de saúde nos centros urbanos em função da rede de atendimento à saúde disponibilizada. Com isso, não apenas essas pessoas, mas a comunidade do Assentamento Terra à Vista em sua totalidade repensa suas práticas e valoriza a efetividade da agroecologia e seus benefícios.

CONCLUSÕES

A utilização de agrotóxicos e outros produtos químicos no cultivo de alimentos provoca inúmeros prejuízos à saúde de seus consumidores, o que, atualmente, é alvo de estudos de diversos campos do saber, a exemplo da saúde coletiva e outros campos de saber como a Geografia Agrária, a qual discute tais questões quanto à organização sócio espacial no campo relativas ao campesinato e os movimentos sociais de luta pela terra. Sendo assim, a questão da qualidade alimentar repercute na qualidade de vida das pessoas, e o adoecimento provocado por as inadequações dos alimentos artificiais carregados de agrotóxicos torna-se uma realidade, a qual estimulará a sociedade a repensar as práticas agrícolas num campo que passará a ser cuidado e acompanhado pelo consumidor final do alimento, sempre que possível como acontece na agroecologia.

A percepção por parte da população de que o consumo desse tipo de alimento “artificial” é prejudicial à saúde, repassa não apenas a mudança de hábitos alimentares, mas também a

ARTIGO

conscientização quanto aos interesses das empresas do sistema econômico capitalista, políticas públicas voltadas para o rural, a necessidade de real da reforma agrária e também a cogitação de outras formas que garantam a soberania e a segurança alimentar. Essa nova perspectiva não deve ser entendida apenas como o modismo do ecológico e sustentável, mas sim uma proposta de vida que ultrapasse os anseios individuais de qualidade de vida através de uma lógica de uma cadeia produtiva cíclica desde a produção das sementes e preparo do solo até o alimento final, logo novas técnicas, práticas e ações terão repercussões espaciais notórias.

Com isso, efetiva-se essa perspectiva, sobretudo, através da agroecologia, e no Brasil alguns dos assentamentos MST, e de outros movimentos sociais e organizações camponesas, já demonstram essa realidade como é a do Terra à Vista aqui exposta, por ser um modelo real agroecológico onde na prática podemos observar o planejamento e a execução do cultivo agroecológico, por ser um exemplo real disponível e acessível para as pesquisas através de suas parcerias trazendo à tona a vivência no campo que tende a ser distanciada dos debates acadêmicos. Então, podem ser percebidos os possíveis diálogos necessários que podem ser estabelecidos a partir da agroecologia, pois nota-se como essa pode ser benéfica em termos econômicos e sociais para o grupo que a prática como também poderá estabelecer uma nova forma de alimentação saudável a curto e longo prazos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portal da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)**, 2016. Disponível em: <<http://www.cnph.embrapa.br/organica/agroecologia.html>>. Acesso em, 22 ag. 2016

BRASIL. **Portal do Ministério da Agricultura**, 2016 Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/politica-agricola/zoneamento-agricola>>. Acesso em 27 set. 2016.

BOMBARDI, L. M. Agrotóxicos e agronegócio: arcaico e moderno se fundem no campo brasileiro Direitos Humanos no Brasil. IN MERLINO, T. MENDONÇA, M.L. (org.) **Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos**. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2012. Disponível em:<www.social.org.br>. Acesso em 26 set. 2016.

ARTIGO

BORSATTO, R. S. CARMO, M.S. A Construção do Discurso Agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). **RESR**, Piracicaba-SP, Vol. 51, Nº 4, p. 645-660, Out/Dez 2013.

CARNEIRO (et. al.) **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre o impacto dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro/ São Paulo: Escola Politécnica de Saúde João Venâncio/Expressão Popular, 2015.

HESPANHOL, A. N. Modernização da agricultura e desenvolvimento territorial. **4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa - ENGRUP**, São Paulo, p. 370-392, 2008.

PRIMAVESI, A. **O solo**: a base da vida em nosso globo. S.d. (Arquivo digital). Disponível em: <www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Osolo-AnaPrimavesi.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

SANTOS, M. S. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.